



R E V I S T A V I S U A I S

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

**Toros:  
o erotismo  
da  
tauromaquia  
nas  
fotografias  
de Alair Gomes**

---

**Aline Ferreira Gomes**

Brasil. Doutoranda em História da Arte pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Brasil.  
afgomes83@gmail.com

---

## Resumo

No extenso acervo de Alair Gomes (1921-1992) mantido pela Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro se encontra um conjunto de fotografias realizadas durante suas viagens feitas pela Europa. A série *Toros* contém 80 fotos que registraram as touradas. É uma série de temática inédita na obra de Gomes, que é mais conhecido por seu conjunto de fotografias das praias cariocas. Em *Toros*, o fotógrafo busca registrar o confronto entre homem e animal, o perigo iminente de morte. Os registros demarcam o esforço corporal dos toureiros, as formas flexíveis e curvas que aplicam para escapar dos ataques taurinos. As fotografias ainda ressaltam a teatralidade do evento e, além disso, demonstram o interesse explícito de Gomes pelas formas masculinas. Cotejando a iconografia existente sobre o tema: obras de Goya, Picasso e Dali, entre outros, este texto apresentará esses momentos capturados por Gomes, onde se percebe que a tauromaquia, manifestação carregada de elementos estéticos, serviu como terreno propício para Alair Gomes dedicar seu fascínio pelo corpo masculino.

## Palavras-chave

Alair Gomes. Touradas. Fotografia. Corpo masculino.

## Abstract

On the extensive Alair Gomes's (1921-1992) collection, maintained by the National Library in Rio de Janeiro there is a group of photographs taken during his travels throughout Europe. The *Toros* series contains 80 photos that recorded bullfighting. It is a subject less known of Gomes's work, since the public is more used to the photographs of Rio's beaches. In *Toros*, the photographer seeks to capture the confrontation between man and animal, the imminent danger of death. Those photos mark the bullfighter's body strain, the flexible shapes and curves they apply to escape bull attacks. The photographs also highlight the theatricality of the event and, moreover, demonstrate Gomes's explicit interest in masculine forms. Comparing the existing iconography on the theme: works by Goya, Picasso and Dali, among others, this text will present these moments captured by Gomes, where it is clear that bullfighting, a manifestation full of aesthetic elements, served as a propitious ground for Alair Gomes to dedicate his fascination with the male body.

## Keywords

Alair Gomes. Bullfighting. Photography. Male body.

## Introdução

O fotógrafo carioca Alair Gomes (1921-1992), formado em engenharia civil pela Escola Nacional de Engenharia do Brasil – hoje Escola Politécnica vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro – também foi biofísico, filósofo, crítico de arte e professor universitário. Seu primeiro contato com a câmera fotográfica se deu ainda na infância, mas foi somente por volta dos 40 anos de idade que a paixão pela fotografia se desenvolveu com mais intensidade. É também nesse período que Alair Gomes realiza suas primeiras viagens para fora do Brasil: em 1958, ganha uma bolsa de estudos da Fundação Guggenheim para estudar na Universidade de Yale nos EUA, posteriormente, faz viagens para a Europa e novamente aos Estados Unidos.

Atualmente boa parte do acervo de Alair Gomes encontra-se na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Esse importante acervo reúne um conjunto de 630 fotografias, intitulado *Viagens*, realizadas durante suas passagens pela Europa. Também, sobre esse período, há o seu relato de viagem: *A New Sentimental Journey* (ANSJ). Um texto inédito<sup>1</sup>, datilografado em inglês, com mais de 500 páginas que apresentam apontamentos sobre locais e exposições de arte visitados por Gomes. A redação de ANSJ se inicia em 1983 se estendendo até aproximadamente 1991. O texto possui um caráter erótico, juntando reflexões sobre arte, corpo masculino, museus e experiências em diversas instituições culturais.

Dentro da série *Viagens* há um conjunto de fotografias, intitulado *Toros*, que retratam as touradas. Este artigo apresentará os aspectos mais importantes dessa série. Em primeiro lugar, gostaria de chamar a atenção para o tema de *Toros*. A temática é inédita na obra de Gomes, se pensarmos que o público está mais habituado aos conjuntos de fotografias das praias cariocas, que foram exibidas com mais frequência. Para citar alguns exemplos mais recentes: em 2012, a 30ª. Bienal de Arte de São Paulo apresentou um espaço exclusivo para expor as obras de Alair, predominando as séries dos rapazes nas praias do Rio de Janeiro; em 2015, a Caixa Cultural realizou a mostra *Percursos*, na qual a curadoria também optou por exibir em maior número as cenas dos banhistas cariocas; sem contar a grande exposição realizada em 2001 na

*Fundation Cartier pour L'arte Contemporain*, em Paris, que também privilegiou as cenas litorâneas de Alair.

### O encontro de Alair Gomes com a Tauromaquia

*Toros* é composta por 80 fotografias em preto e branco. Elas registram o espetáculo das touradas de modo extraordinário. As fotos não apresentam data ou local e, embora a pesquisadora não tenha encontrado, até o momento, registros com detalhes específicos sobre as cidades espanholas que Alair visitou, é possível apontar que as imagens teriam sido feitas na *Plaza de Toros de Las Ventas*, em Madrid, onde ainda hoje ocorrem touradas. A suposição se dá pelo fato de a estrutura da borda da arena, registrada nas fotos de Gomes (figura 1), possuir a mesma composição que se encontra atualmente na arena de Madrid (figura 2).

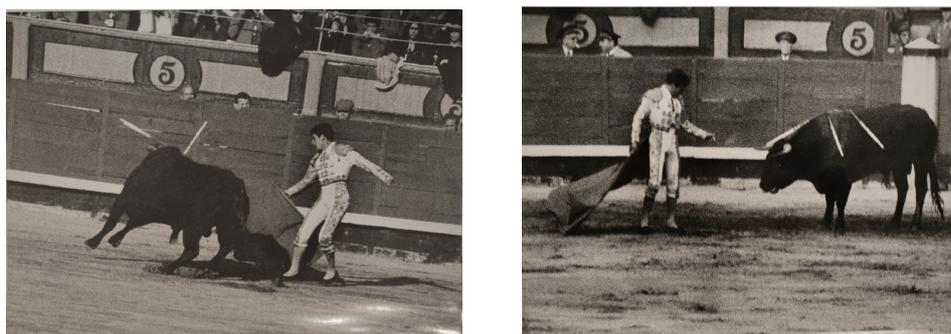


Fig. 1: GOMES, Alair. Fotografias da série Viagens - **Toros**. s/d. Fotografia, p&b. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.



Fig. 2: Foto da Plaza de Toros de Las Ventas, Madrid, março de 2019, autor não identificado. Fonte: <https://www.las-ventas.com/multimedia/2019/las-ventas-24-de-marzo-de-2019/entre-toro-y-toro>

Além da evidência fotográfica, no texto *A New Sentimental Journey* há uma passagem, embora rápida, sobre o tema das touradas. No trecho, o fotógrafo reflete sobre espetáculos violentos e acaba mencionando sua visita a Madrid:

During the Middle Ages, murderous tournaments highly entertained sophisticated people; and in the French revolution, guillotine executions were the thrill of Paris. I must not ignore the fact that when I myself visited Madrid and saw a bullfight, I enjoyed it so much that a week later I returned to the plaza de toros to see another corrida - and that, though hesitating, and under the urge of an energetic Spanish lady who sat by my side, [I] clicked my camera for a few successive times at a handsome toreador who was being gored, perhaps to death, and tossed up to the air by a blood-dripping, tortured bull about to be killed - and that I still proudly keep the photos at home.<sup>2</sup>

O relato de tom confessional revela o efeito irresistível que o espetáculo espanhol causou no artista. Essa espécie de fascínio que as touradas provocaram no fotógrafo carioca parece não ser um efeito exclusivo de Alair Gomes. Muitos outros artistas manifestaram de alguma forma o efeito dessa atração passional pela cultura tauromáquica. O escritor francês Prosper Mérimée (1803-1870) relatou, em uma de suas cartas sobre a Espanha, o crescimento de seu interesse pelo espetáculo. Na medida em que passou a acompanhar o ritual espanhol mais de perto, surge um fascínio imperioso pelo evento:

[...] vous savez que je n'ai pas les goûts d'un anthropophage. La première fois que j'entrai dans le cirque de Madrid, je craignis de ne pouvoir supporter la vue du sang que l'on y fait libéralement couler ; je craignais surtout que ma sensibilité, dont je me défiais, ne me rendit ridicule devant les amateurs endurcis qui m'avaient donné une place dans leur loge. Il n'en fut rien. Le premier taureau qui parut fut tué ; je ne pensai plus à sortir. Deux heures s'écoulèrent sans le moindre en entracte, et je n'étais pas encore fatigué. Aucune tragédie au monde ne m'avait intéressé à ce point. Pendant mon séjour en Espagne, je n'ai pas manqué un seul combat, et, je l'avoue en rougissant, je préfère les combats à mort à ceux où l'on se contente de harceler des taureaux qui portent des boules à l'extrémité de leurs cornes.<sup>3</sup>

Assim como Mérimée, muitos outros escritores, pintores e poetas, foram seduzidos pela tauromaquia. Touros e toureiros são temas de ensaios e romances que inspiraram, entre outros, Ernest Hemingway e Blasco Ibáñez, cujo romance *Sangre y*

*Arena* (1908) ganharia várias versões para o cinema<sup>4</sup>. No Brasil, o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, parece não ter escapado do efeito das touradas e escreve, segundo Antonio Callado<sup>5</sup>, um dos poemas mais belos dedicados ao tema: *Alguns Toureiros*. Cabral compara a poesia aos trejeitos dos protagonistas espanhóis mais conhecidos, demonstrando enfaticamente sua grande admiração pelo toureador Manuel Rodriguez, o Manolete (1917-1947).

Talvez o interesse de Gomes pela tauromaquia tenha surgido antes do episódio de Madrid. Ao consultar o catálogo da sua biblioteca particular, atualmente mantida pela Universidade Federal Fluminense (RJ), encontram-se alguns títulos sobre o tema. Por exemplo, *Plaza de toros: tous les secrets de la corrida*, é uma publicação de 1964 que apresenta imagens de diversos fotógrafos conhecidos: Lucien Clergue (1934-2014), que registrou Picasso na plateia de uma tourada; o fotojornalista espanhol Paco Cano Lorenza (1912-2016), conhecido como Canito; e os franceses, Henry Cartier Bresson (1908-2004) e Jean Dieuzaide (1921-2003). Nesses registros há o interesse predominante pelos protagonistas do espetáculo: as lentes se aproximam do toureiro e do touro, flagrando momentos de plasticidade conjugadas entre as formas masculinas e o denso volume do animal.

Na biblioteca de Gomes ainda consta uma edição de 1958 de *Death in the afternoon*, de Ernest Hemingway. Obra que pouco se enquadra em apenas uma classificação dentre os gêneros literários, o livro é dedicado às touradas e flerta diretamente com uma produção fotográfica sobre o tema. Para a primeira edição da obra, Hemingway dispendeu energia, tempo e dinheiro – seu próprio dinheiro como ele mesmo alegou repetidas vezes para o editor Maxwell Perkins – selecionando minuciosamente as fotografias que entrariam na edição de 1932.<sup>6</sup> Outra obra que aborda a tauromaquia no acervo literário de Alair, é a edição de *Agrestes* (1985), de João Cabral de Melo Neto, poeta já citado anteriormente. Em *Agrestes*, 14 poemas são dedicados à Espanha, onde novamente Cabral faz questão de exaltar os feitos do toureiro Manolete, no poema *Lembrando Manolete*.

No Brasil, a cultura da tauromaquia esteve presente nas festividades que foram importadas de Portugal. Segundo Victor Andrade de Melo, no século XVII já eram realizadas corridas de touro no Rio de Janeiro e que se popularizaram de fato no século

XVIII<sup>7</sup>. Mais tarde, já na década de 1950, encontramos o tema em produções fotográficas publicadas em revistas ilustradas.

A revista *Manchete* publicou matérias sobre o evento com fotografias de toureiros em ação (figura 3). Antecipando-se, a revista *O Cruzeiro* publicou, em 1945, uma reportagem sobre as touradas em Madrid, por coincidência as imagens são da mesma praça de touradas que fotografou Alair, a *Plaza de Toros de Las Ventas* (figura 4). Muitas dessas reportagens ocupavam páginas inteiras, ora exibiam retratos dos toureadores, ora os registravam em plena ação. Infelizmente, em muitas dessas matérias não se encontra a autoria das fotos. Os ensaios ofereciam ao observador ângulos privilegiados da arena, oportunidade restrita apenas aos fotojornalistas que provavelmente possuíam acesso aos locais mais próximos do espetáculo.

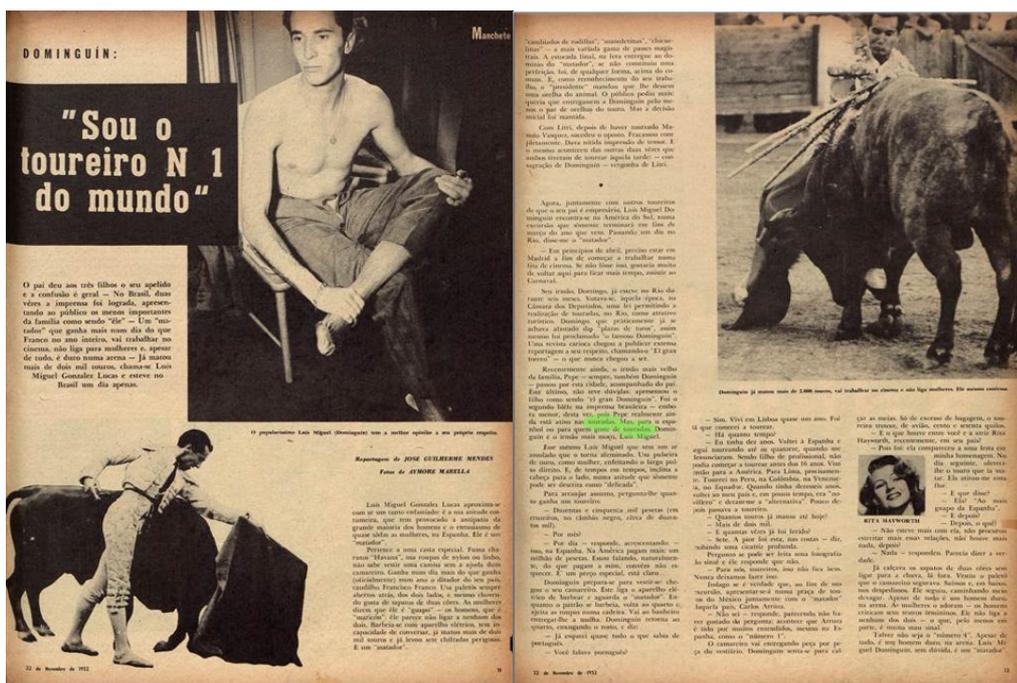


Fig. 3: MENDES, José Guilherme. Dominguín. Fotografias de Aymore Marella. *Revista Manchete*, 22 nov. 1952, n. 32. Rio de Janeiro, p. 11 e 13. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.



Fig. 4: ORICO, Osvaldo. Touradas em Madrid. **O Cruzeiro**, 1945 n. 40. Rio de Janeiro, p. 58-59. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.

Algumas das imagens de *Toros* apresentam fotos desfocadas, distantes ou com luminosidade precária. Essas fotos seriam resultado do fato de Alair não desfrutar do mesmo privilégio dos fotojornalistas com acesso aos locais com melhores pontos de vista? A série também possui registros mais elaborados, sendo assim, permanece a dúvida se a falta de controle sobre os elementos técnicos também pudesse indicar escolhas do fotógrafo para demarcar efeitos visuais proporcionados pelo rápido movimento do toureador. O que se sabe, conforme a passagem citada anteriormente de *A New Sentimental Journey*, é que Alair esteve no evento como um integrante do público, misturando-se ao alvoroço e excitação da plateia e, por tanto, sem poder se aproximar geograficamente da arena e se valendo apenas do zoom de sua câmera. O que não o impediu de produzir um testemunho que colocasse o observador no mesmo lugar do fotógrafo, oferecendo a possibilidade daquele vivenciar a experiência do artista.

Tratando do ponto de vista do espectador, Otto Stupakoff fotografou uma tourada da arquibancada de uma arena mexicana (figura 5). A lente de Stupakoff pouco se interessa pelo combate entre animal e o homem. Talvez sua localização o deixasse com poucas alternativas. A opção do artista foi se concentrar no que estava em seu entorno, assim sua câmera se volta para uma pequena espectadora produzindo uma narrativa fotográfica capaz de revelar as emoções e curiosidades da menina. O fotógrafo

acompanha a excitação da arena através da garota. Ela se move agitada e até se distrai com a tecnologia do binóculo. O toureiro e o touro, habituais protagonistas do evento, são retratados como pequenos pontos escuros posicionados na arena. Tanto os olhos do observador, quanto os da garota, precisam de muito esforço para entender o que se passa no centro do espetáculo. Portanto, como Stupakoff, somos levados a esquecer da arena e nos atraímos pela excitação pueril da garota.

A solução de Stupakoff remete à escolha do diretor Budd Boetticher, em *The Bullfighter and the Lady* (Paixão de Toureiro), de 1951. No início da trama cinematográfica, três americanos assistem a uma tourada também em arena mexicana. Os três personagens estão tão distantes e também precisam de um binóculo para acompanhar as ações entre o toureiro e o touro. A câmera mostra a visão a partir do local dos atores (figura 6). Um ângulo tão distante, como o usado nas fotos de Otto Stupakoff, e que repete o efeito de transformar os protagonistas tauromáquicos em pequeninas criaturas.



Fig. 5: STUPAKOFF, Otto. Fotografias da série **Tourada**, s.d. Fotografia, p&b. Acervo: Instituto Moreira Salles

A excitação da personagem de Stupakoff recorda o entusiasmo de Alair pelo mesmo evento. Tanto que ele confessa ao seu leitor que retornou na semana seguinte para

sentir novamente tudo que havia vivenciado na primeira experiência: “I enjoyed it so much that a week later I returned to the plaza de toros to see another corrida”<sup>8</sup>. No entanto, ao contrário de Otto Stupakoff, a fotografia de Gomes trata o público como plano secundário, seu interesse está nos toureiros. Seus registros apresentam sequências que poderiam compor cenas de uma tragédia (figura 7). Aos modos de um dramaturgo, as cenas descrevem a atuação dos toureiros: os floreios, as pausas, as investidas e os recuos. Assim como no teatro há um desfecho, no roteiro do fotógrafo também: o toureiro é abatido pelo animal. O olhar habilidoso de Gomes captura os momentos em que o touro fere seu oponente. As sequências registram a dor e o corpo desfalecendo. São testemunhos da presença da morte.



Fig. 6: Fotografia da cena **The Bullfighter and the Lady** (Paixão de Toureiro), 1951. Direção: Budd Boetticher



Fig. 7: GOMES, Alair. Fotografias da série Viagens - **Toros**. s/d. Fotografia, p&b. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.

O herói derrotado sai de cena (figura 8). Lembrando um soldado que é retirado da área de combate pelos seus companheiros. A imagem do toureiro ferido não é ocultada do público, pelo contrário, o modo como os colegas o carregam parecem expô-lo ainda mais, reforçando o tom trágico da cena. O figurino do toureador, composto por tons claros, é manchado pelo sangue denunciando para todos que a figura em combate se tratava de um homem e não de um Deus.



Fig. 8: GOMES, Alair. Fotografia da série Viagens - **Toros**. s/d. Fotografia, p&b. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.

No século XX artistas espanhóis se debruçaram sobre a cultura da tauromaquia. As gravuras de Pablo Picasso de 1957 e a releitura dessas gravuras, feitas por Salvador Dalí em 1966-67, são importantes exemplos. No entanto, no século XIX, Goya já havia se dedicado ao tema produzindo 40 gravuras em água-forte e água-tinta. Criadas entre 1814 e 1816, a série retrata todas as modalidades conhecidas da tourada: matadores em pé e montados a cavalo, sobre uma cadeira e em mesas girando sobre o touro. No filme de Milos Forman, *Goya's Ghosts (Sombras de Goya)* de 2006, a frase “Eu pinto o que vejo” é atribuída ao pintor espanhol. De fato, as gravuras de Goya retratavam eventos contemporâneos testemunhados pelo pintor, como a morte de José Delgado Pepe-Ilo, o famoso toureiro que morreu na praça de Madrid em 11 de maio de 1801. Na cena (figura 9), o toureiro deitado e já ferido, é atacado pelo touro que crava o chifre em sua barriga. Vemos na série de Alair uma cena muito semelhante (figura 10). Contudo, a fotografia é capaz de revelar detalhes importantes: o rosto do toureiro

ferido e suas mãos tão expressivas. Na face há ainda poucos vestígios de dor, mas as mãos são mais rápidas e se elevam com os dedos rígidos, antecipando a possibilidade de algum ataque iminente, talvez o gesto impulsivo protegeria a porção superior do corpo.

A fragilidade do corpo do homem é um tema que se repete em outras fotografias da série. Talvez a imagem mais tocante seja a do toureiro que foi registrado no momento de sua queda (figura 11). O corpo com o tronco contorcido no chão se apresenta desconfortável. O peso do tórax pressiona o braço esquerdo, enquanto o braço direito se flexiona na possibilidade de atenuar um pouco o impacto no solo. Graças a posição da câmera fotográfica o rosto é ocultado e o corpo se alonga em direção ao fundo da cena. Esse corpo sem cabeça ocupa diagonalmente as dimensões da fotografia. O pé direito, caracterizado pela sola da sapatilha, já se encontra na areia e parece ter desistido da batalha.



Fig. 9: GOYA (Francisco de Goya y Lucientes). The unlucky death of Pepe Illo in the ring at Madrid, 1816/ Plate 33 from "Tauromaquia". Acervo The Metropolitan Museum of Art, EUA.



Fig. 10: GOMES, Alair. Fotografia da série Viagens - **Toros**. s/d.  
Fotografia, p&b. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.



Fig. 11: GOMES, Alair. Fotografia da série Viagens - **Toros**. s/d.  
Fotografia, p&b. Acervo Biblioteca Nacional, RJ



Fig. 12: MANET, Edouard. **The Dead Treador**, c. 1864. Óleo sobre tela, 75.9 x 153.3 cm. Acervo: National Gallery of Art, Washington, DC.

A cena recorda a composição de Edouard Manet. *O Toureiro morto* (figura 12) retrata de maneira mais direta a presença inevitável da morte nas touradas. Somam-se ao título da obra elementos que confirmam a morte do toureiro: o corpo deitado, os olhos fechados e o sangue próximo ao ombro esquerdo que escorre pelo chão. A mão direita que repousa sobre o tórax, confere um ar sereno ao corpo desfalecido. Enquanto a mão esquerda ainda segura pelos dedos o capote de pano, sugerindo que a morte se deu durante a atuação do toureador.

Embora a fotografia de Alair Gomes e a tela de Monet se diferenciem pelos elementos compositivos: a posição do corpo; a incerteza do destino do toureiro na cena de Gomes e um aspecto menos solene e mais vulnerável na fotografia; ainda assim, as cenas se aproximam pelo tema. Quando Hemingway diz que a arena das touradas é local onde se pode estudar a morte<sup>9</sup>, as duas composições parecem exemplos profícuos.

A tauromaquia é um desses eventos capazes de promover sentimentos antagônicos: existe a atração pela incrível plasticidade dos gestos do homem, ao mesmo tempo em que há o horror da presença da morte. Alair consegue capturar todos esses elementos díspares, uma espécie de beleza distorcida, como descreve muito bem Michel Leiris, a beleza das touradas está no embate violento de contrastes. No ensaio intitulado *Espelho da tauromaquia*, de 1981, o autor francês compreende a atração do espectador por esse espetáculo como um confronto excitante entre o desconcertante perigo e a fruição estética:

Não será belo senão aquilo que sugere a existência de uma ordem ideal, supraterrrestre, harmoniosa, lógica, mas que ao mesmo tempo possui – como tara de um pecado original – a gota de veneno, a ponta de incoerência, o grão de areia que perturba o sistema. Ou então, inversamente, será bela toda borra ou todo veneno que uma ínfima gota ideal venha iluminar. Assim, o belo, existindo tão-somente em função do que se destrói e do que se regenera, mostrar-se-á ora como calmaria devorada pela tempestade em potencial, ora como frenesi que se ordena e tenta conter sob uma máscara impassível sua tormenta interior. Tudo se dará, sempre, entre esses dois pólos, agindo como forças vivas: de um lado, o elemento *reto* da beleza imortal, soberana, plástica; do outro o elemento *torto*, sinistro, a parte do infortúnio, do acidente, do pecado.<sup>10</sup>

Além da violência latente na festividade tauromáquica, há a presença de elementos eróticos, especialmente na figura do matador. Os trajes brilhantes do toureiro; os

gestos coreografados – nos quais a graça se dá no modo como se move, estira ou encurva o seu corpo é um elemento de primeiro plano; a espécie de dança aderente que se trava entre homem e animal; além do simbolismo fálico presente no touro, ao ponto de no romance de Georges Bataille, *História do Olho*, a personagem Simone ao assistir uma tourada, faz questão de pedir o par de testículos do touro abatido para comer e introduzi-lo no ânus.<sup>11</sup>

O ambiente erótico da arena ultrapassa as barreiras de segurança e atinge as arquibancadas. Não por acaso, Leiris compara a excitação do público, traduzida no “olé”, com o orgasmo e os passes tauromáquicos ao coito<sup>12</sup>. Essa alusão também é feita por Georges Bataille:

quando o temível animal passa e torna a passar pela capa, sem descanso e sem trégua, a um dedo do corpo do toureiro, experimenta-se um sentimento de projeção total e repetida, característico do jogo físico do amor. A proximidade da morte é sentida da mesma forma. Essa sucessão de passes felizes é rara e desencadeia na multidão um verdadeiro delírio; tamanha é a tensão dos músculos das pernas e do baixo-ventre que, nesses momentos patéticos, as mulheres gozam.<sup>13</sup>

Alair Gomes parece não ser imune ao ambiente potencialmente erótico da arena. Seu olhar se interessa não só pelos movimentos virtuosos dos homens como também pelas formas dos toureiros tanto que seus recortes e ângulos fotográficos privilegiam partes erógenas do corpo masculino.



Fig. 13: GOMES, Alair. Fotografias da série Viagens - **Toros**. s/d. Fotografia, p&b. Acervo Biblioteca Nacional, RJ.

A exibição das nádegas nessas fotografias (figura 13 ) remete novamente ao texto de 1983, no qual Alair Gomes deixa explícito seu olhar enamorado por essa região do corpo masculino, quando confessa que: “A young man’s rump is the most beautiful, single – though bipartite – structure in the whole Creation”<sup>14</sup>, o texto continua com mais elogios:

the back of the standing young man incarnates and reveals the beauty-essence of ascension – his buttocks are the still motor of ascension [...] In the bare back of a standing young man, the cleft between the bloated wings of his buttocks is certainly scandalous, but not in flagrant, glaring sense of cazzo; puissant or tender, or both, his buttocks are also very much pure poetry, and the fissure between them is scandalous in an eminently poetical sense.<sup>15</sup>

De alguma maneira o olhar lírico de Alair dedicado ao formato dos glúteos recorda a admiração que o poeta Carlos Drummond de Andrade cultivava pelas nádegas femininas: “Não lhe importa o que vai pela frente do corpo. A bunda basta-se. Existe algo mais?”<sup>16</sup>.

### **Considerações Finais**

A tourada pode ser percebida como um esporte acrescido de aspectos artísticos em que o trágico é o fator excitante essencial. Um espetáculo de intensa relação entre o passional, o estético e o sagrado. O toureador com seus movimentos sinuosos, precisos e contínuos, constituídos de gestos plásticos condicionados aos giros e floreios, transita entre o virtuosismo e os desafios aos limites do corpo humano.

O escritor Michel Leiris, indica que o jogo, o luxo e a forma estética dos gestos realizados na arena pertencem ao domínio do erotismo. Sua ideia sobre o *Espelho da Tauromaquia*, sugere que os toureiros espelham uma emoção já existente de quem os assiste e observa. Esta interpretação se reforça na série fotográfica espanhola, onde Alair Gomes escolhe momentos e ângulos que ressaltam seu olhar erotizante sobre o corpo masculino. O que se vê em *Toros* é a projeção do desejo do fotógrafo pelos corpos dos toureiros.

Na arena, bravura e robustez são necessários para superar desafios fatais, mas o que se observa nos registros capturados pelo artista carioca são cenas onde os confrontos entre vida e morte são respondidos por movimentos sutis, giros e pausas ensaiadas, uma espécie de dança sedutora, regida por uma plasticidade, ao mesmo tempo hábil e atraente, produzida pelos corpos dos homens. Desse modo, a tauromaquia coloca à prova questões valorativas da masculinidade, na medida em que, tradicionalmente, se espera que o duelo constante com a morte seja respondido com brutalidade e não por um jogo erótico protagonizado pela figura masculina.

Por fim, o conjunto de *Toros* demonstra a versatilidade do olhar do fotógrafo. Tanto pelo ineditismo do tema – como apontado anteriormente, o conjunto é composto por um interesse desconhecido da obra de Gomes – como pela presença de um olhar despreocupado em seguir um modelo único para compor suas fotografias. A ausência de um cenário que corroborasse a exibição do corpo masculino, como nas séries fotográficas cariocas, poderia transformar-se em fator de impedimento. Ao contrário, Alair Gomes adapta seus desejos e olhares ao ambiente em que se encontra, e a paisagem se apresenta como elemento modificador de seus processos de captura. *Toros* evidencia que, embora em território estrangeiro e menos familiar, o fotógrafo soube se adaptar e manter a coerência de seu trabalho, mesmo afetado pelas novas situações que enfrentava, sustentou seu fascínio pelo corpo e pelo mundo masculino.

#### Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BATAILLE, Georges. *História do olho*. São Paulo, SP: CosacNaify, 2003.

CALLADO, Antonio. *Matemos touro como índio e outros bichos*. Folha de São Paulo, 27 jan. 1996.

GOMES, Alair. *A new sentimental journey*. Coautoria de Miguel Rio Branco. São Paulo, SP: CosacNaify, 2009.

\_\_\_\_\_. *A New Sentimental Journey*, 1983, p. 336-337. Acervo: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

HEMINGWAY, Ernest. *Death in the afternoon*. NY: Charles Scribner's Sons, 1932.

LEIRIS, Michel. *Espelho da tauromaquia*. Coautoria de Samuel Titan Jr. São Paulo, SP: CosacNaify, 2001.

MELO, Victor Andrade de. (org.) *Pois temos touros: touradas no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

MANDEL, Miriam B.(org.) *A companion to Hemingway's Death in the afternoon*. Rochester, NY: Camden House, 2004.

MERIMÉE, Prosper. "Lettres adressées d'Espagne". In: \_\_\_\_\_. *Mosaïque, 1833*. Bruxelles: J. P. Meline, Libraire-Éditeur, p.303. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=AEaKdrjirTcC&dq=prosper+merime%C3%A9+%22vous+savez+que+je+n%27ai+pas+les+gouts%22&hl=ptBR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=AEaKdrjirTcC&dq=prosper+merime%C3%A9+%22vous+savez+que+je+n%27ai+pas+les+gouts%22&hl=ptBR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em: 08 set. 2019.

## Notas

<sup>1</sup> Apenas uma pequena fração do texto *A New Sentimental Journey* foi publicada em português pela extinta Cosac Naify em uma edição de 2009: GOMES, Alair. **A new sentimental journey**. Coautoria de Miguel Rio Branco. São Paulo, SP: CosacNaify, 2009.

<sup>2</sup> GOMES, Alair. **A New Sentimental Journey**, 1983, p. 336-337. Acervo: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> MERIMÉE, Prosper. Lettres adressées d'Espagne. In: \_\_\_\_\_. **Mosaïque**, 1833. Bruxelles: J. P. Meline, Libraire-Éditeur, p.303. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=AEaKdrjirTcC&dq=prosper+merime%C3%A9+%22vous+savez+que+je+n%27ai+pas+les+gouts%22&hl=ptBR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=AEaKdrjirTcC&dq=prosper+merime%C3%A9+%22vous+savez+que+je+n%27ai+pas+les+gouts%22&hl=ptBR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em: 08 set. 2019.

<sup>4</sup> A primeira versão cinematográfica do romance de Vicente Blasco Ibáñez surgiu no cinema mudo, em 1922, com Rudolph Valentino no papel principal e com direção de Fred Niblo e Dorothy Aszner; em 1941, *Blood and Sand*, dirigido por Rouben Mamoulian, tem a estrela Rita Hayworth e Anthony Quinn no elenco; em 1989, uma versão é protagonizada por Sharon Stone e foi dirigida por Javier Elorrieta. No Brasil, uma telenovela protagonizada por Tércisio Meira e Glória Menezes foi exibida entre 1967-68, cuja adaptação do romance de Ibáñez foi feita por Janet Claire.

<sup>5</sup> CALLADO, Antonio. Matemos touro como índio e outros bichos. **Folha de São Paulo**, 27 jan. 1996.

<sup>6</sup> **A COMPANION to Hemingway's Death in the afternoon**. Edição de Miriam B. Mandel. Rochester, NY: Camden House, 2004, p. 166-67.

<sup>7</sup> MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Pois temos touros: touradas no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017, p. 46.

<sup>8</sup> GOMES, 1983, p. 336.

<sup>9</sup> "The only place where you could see life and death, i.e., violent death now that the wars were over, was in the bull ring and I wanted very much to go to Spain where I could study it". HEMINGWAY, Ernest. **Death in the afternoon**. NY: Charles Scribner's Sons, 1932, p. 8.

<sup>10</sup> LEIRIS, Michel. **Espelho da tauromaquia**. Coautoria de Samuel Titan Jr. São Paulo, SP: CosacNaify, 2001. p. 28.

<sup>11</sup> BATAILLE, Georges. **História do olho**. São Paulo, SP: CosacNaify, 2003, p. 68-69.

<sup>12</sup> Op. Cit, p. 43.

<sup>13</sup> Idem, p. 63.

<sup>14</sup> GOMES, 1983, p. 510.

<sup>15</sup> GOMES, 1983, p. 522. (texto inédito).

<sup>16</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. **O amor natural**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.26.